

A SOLIDÃO DA ACÇÃO OU DO EMPENHAMENTO

1. A solidão do agir humano

Por paradoxal que possa parecer, o empenhamento e a dedicação consciente e plena a uma causa, frequentemente, traz consigo a inimizade e a solidão. A melhor maneira de evitar as contrariedades é não fazer nada, ficar inativo, no conformismo ou na indefinição. (41)

Estamos a falar da solidão de Acção. A Acção, enquanto exercício concreto da liberdade, comporta, de facto, provas tremendas. A Acção de um homem livre é sempre um risco, uma aventura, que pode desembocar na reprovação ou no fracasso completo. É o caso de quem dedicou a vida inteira a uma obra, a um ideal, e depois chegou a ser recusado, sem esperanças humanas de reconstrução ou de futura aceitação.

De entre numerosos exemplos que a história da Igreja conhece, poder-se-ia citar o de S. Francisco de Assis e de outros santos, que viveram uma situação de solidão particularmente dolorosa, em relação à qual, todas as soluções humanas se revelam inviáveis ou inúteis.

A grande tentação pode ser, então, a desobediência, a oposição frontal, ou mesmo a revolta. Mas que poderão estas fazer, senão acentuar o desespero e o vazio? Também a mera indiferença "estoica" só se revela portadora de uma solução que nada resolve, apenas ilude as aparências. A verdadeira solução está, pois, num plano superior, inteiramente desconhecido e impraticável fora do horizonte da fé (41-44).

2. Solidão e missão

Não somente o agir humano, mas também a missão, com frequência e em grau muito elevado, é acompanhada pela solidão, que em algum modo atesta a sua autenticidade. Em particular, aquele que tem uma «obra divina a realizar no mundo», deverá suportar a solidão, frequentemente associada com a perseguição.

A própria missão é já, por si só, fator de isolamento, que destaca vivamente do contesto social e comunitário. No âmbito da Revelação bíblica, basta pensar em Abraão; o chamamento de Deus distingue-o no conjunto de toda a humanidade, ao mesmo tempo que o faz romper com

todos os vínculos terrenos e com todas as seguranças humanas. Moisés apresenta-se sozinho diante Daquela que o chamava do meio da sarça ardente, como também estará sozinho na montanha do Sinai, na presença da majestade da glória de Deus (Ex 19,16-20). Elias ver-se-á completamente isolado, de frente a uma grande multidão, pela exclusiva razão de ser "profeta do Senhor" (1Rs 18,22). Exterminados estes, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até ao Horeb, sem ter outro objetivo aparente se não o de dizer a Deus: «Fiquei só e agora procuram tirar-me a vida» (1Rs 19,14). Isaías, Jeremias, Ezequiel e com eles, de modo geral, todos os profetas, receberam a missão profética estando solitários, numa visão que interrompe toda a comunicação humana. E o mesmo se dirá da Mãe de Jesus, dos Apóstolos, de S. Paulo e, de uma maneira ou de outra, de todos os santos.

O Livro da Sabedoria descreve com extraordinária exatidão esta situação: «Dizem os ímpios uns aos outros, pensando erradamente (...) Armemos ciladas ao justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas obras; censura-nos as transgressões da lei e repreende-nos as faltas de educação. Pretende possuir os nossos planos e até a sua vista é insuportável. Porque sua vida não é como a dos outros e os seus caminhos são muito diferentes (...) Vejamos se as suas palavras são verdadeiras, observemos o que sucede depois da sua morte. Provemo-lo com ultrajes e torturas, para conhecermos a sua mansidão e apreciarmos a sua paciência. Condenemo-lo a morte infamante, porque, segundo diz, Deus virá socorrer-lo (Sab 2,12-15. 17-20).

Esta palavras, pronunciadas em outras circunstâncias, descrevem também adequadamente as perseguições infligidas aos profetas, e foram aplicadas ao próprio Jesus Cristo, o Justo por excelência (Heb 12,3; Mt 27,43). Muitos filhos da Igreja foram também, de modo diferente, vítimas de perseguição. A Igreja possui algumas páginas de história, ainda atuais, embora escritas em tempos e situações diferentes. (45-46)

3. Solidão e testemunho da fé

A solidão que acompanha o compromisso pode ter também, como única causa, o testemunho da fé, o testemunho dado a Cristo. Todas as outras razões de algum modo aqui se simplificam e concentram. Aquele que suporta esta solidão encontrar-se-á, também, por sua vez, numa situação de extremo despojamento.

O apóstolo Paulo, prisioneiro pela segunda vez, escrevendo a Timóteo, exorta-o para que não se envergonhe dele, que está na prisão por causa de Cristo (cf. 2Tim 1,8). Paulo encontrava-se encarcerado em Roma em condições muito severas. Em tais circunstâncias, descreve dramaticamente a sua solidão: «Demas abandono-me por amor do mundo presente e foi para Tessalónica. Crescente seguiu para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Só Lucas está comigo. Toma Marcos e trá-lo na tua companhia, porque me é muito útil para o ministério (...) Na minha primeira defesa ninguém esteve a meu lado: todos me abandonaram. Oxalá que esta falta não lhes seja imputada» (2Tim 4, 9-11.16).

Trata-se provavelmente da última página que S. Paulo ditou antes de deixar esta vida. A cada passo é patente a motivação exclusivamente sobrenatural que iluminou os últimos momentos da sua vida, e que o determinou desde a sua conversão. Esta luz transcendente, porém, não oculta, mas sublinha ainda mais a solidão humana em que ele se vê mergulhado. Como Jesus Cristo diante de Pilatos, assim Paulo ficou só diante de Nero, diante do imenso poder do império Romano.

Depois de São Paulo inumeráveis cristãos, ao longo da história, enfrentaram sozinhos os poderes deste mundo, que os perseguiram por causa da sua fé em Cristo. Muitos deles deram o supremo testemunho, selando com o dom da vida a fé que professavam. Muitos outros, vivem ainda hoje sob regimes sociais e políticos que os perseguem, isolam ou dispersam, privando-os das condições indispensáveis para a expressão comunitária da fé e mesmo dos mais elementares direitos humanos.

Comprova-o este testemunho da Igreja perseguida na Cambója: «Partimos de Phnom Penh com os outros cristãos, com Mons. Salas, os padres Salem, Chamreum, Bernard. No caminho, os Khmers vermelhos revistaram-nos e apoderaram-se de tudo o que nós tínhamos. Eu consegui esconder uma Bíblia. Mas eles aperceberam-se e privaram-me de alimento durante um dia, com esta ameaça: "Toma cuidado! para a próxima, ficarás sem comida para sempre". Estávamos todos juntos, mas não tínhamos possibilidade de rezar, nem de celebrar a Eucaristia. Um dia, Mons. Salas disse-nos: "Mesmo que tendes de suportar a fome, a miséria, o sofrimento, conservai a fé e irradiai-a. Oferecei as vossas vidas pela salvação do Camboja". Abençoou-nos e, depois, nunca mais o voltamos a ver».

Os cristãos encontram-se isolados, não só pela fé que professam, mas também pela moral que praticam. Basta recordar a Epístola a Diogneto. Esta solidão é, de certa maneira, intrínseca à condição cristã. Primeiro

a identificação. «Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pela pátria, nem pela língua, nem por um género de vida especial». Mas depois a diferença. «Casam como toda a gente e criam os seus filhos, mas não se desfazem dos recém-gerados. Participam da mesma mesa, mas não do mesmo leito. São de carne, mas não vivem segundo a carne. Habitam na terra, mas a sua cidade é o céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas pelo seu modo de vida superam as leis».

Diante de determinadas situações, o cristão comporta-se de outro modo. Já no século II, o autor anónimo da Carta a Diogneto, defende a integridade do matrimónio e condena a promiscuidade sexual e o aborto. Também hoje, nestas e noutras matérias, com frequência os cristãos se encontram obrigados a ir «contra a corrente», separando-se e destacando-se dos restantes.

Não só a nível do ser, mas também a nível do agir o homem experimenta a solidão. A ação plenamente humana, ou seja, aquela em que a pessoa empenha toda a sua liberdade, é um risco, uma aventura, um esforço apaixonado, em que muitas vezes está posta em jogo a honra, e sua própria vida. Cada homem compromete-se a si mesmo, como pessoa, na ação que realiza e é, fundamentalmente, por este motivo que o agir humano traz consigo a solidão.

O agir humano traz consigo uma solidão intrínseca e uma outra extrínseca: a primeira distingue, a segunda isola. A missão, especialmente se de origem sobrenatural, separa por sua natureza, mas não isola. Mas esta missão pode suscitar e atrair oposição, violência ou perseguição. Também não é raro que alguém que foi chamado a desempenhar uma missão, se veja abandonado mesmo pelos amigos, dos quais teria direito a esperar solidariedade, em vez do desinteresse ou do desprezo. Uma das provas mais duras da missão é precisamente a de sentir-se isolado, não pelos inimigos, mas pelos próprios amigos, traído pelos da sua própria casa. Será possível, nestas circunstâncias, permanecer fiel?

Podemos responder que sim, porque a fé abre o homem ao imprevisto da Revelação divina. Ele pronuncia um "sim" ao Deus vivo, e por isso mesmo um "não" ao domínio da matéria, ao absolutismo do poder, à idolatria do prazer. Não importa que uma destas grandes forças, ou todas elas juntas, se oponham à fé, quando isso se transforma em testemunho. O empenhamento traz consigo a solidão. Ainda que não desejada ou não procurada diretamente, a solidão aparece como consequência do compromisso pessoal. (64-70)